

**AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFF: REFLEXÕES SOBRE A ACISERJ E
OS DEBATES DE ABRANGÊNCIA PROFISSIONAL DURANTE O
REGIME MILITAR - ENTREVISTA COM EDUARDO GOMES**

Gracielle Rodrigues¹

Lier Pires Ferreira²

Roberto Mosca Junior Junior³

RESUMO: Entrevista concedida, como as demais que integram o presente Dossiê da Revista *Perspectiva Sociológica*, como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de formação da Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ) nos anos 1980. Os relatos jogam luz sobre a discussão da profissão de Sociólogo, que acabou abrindo caminho para luta pela reinserção da Sociologia na escola básica, no segmento então nomeado 2º grau, com a aprovação da obrigatoriedade alcançada na constituição estadual de 1989. São sete depoimentos de cientistas sociais que se envolveram em maior ou menor grau na criação da Associação e na luta pelo retorno da Sociologia a escola básica. A presente entrevista é um depoimento de Eduardo Gomes professor da Universidade Federal Fluminense. Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas entre setembro 2020 e janeiro 2021 no âmbito da pesquisa acadêmica “Organizações e Lutas pelo Ensino de Sociologia na Educação Básica” proposta pelo prof. Lier Pires em parceria com o prof. Roberto Mosca Junior e a bolsista Gracielle Rodrigues do Programa de Iniciação à Docência, desenvolvida no contexto da licenciatura em Ciências Sociais no Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

217

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimentos Sociais, Memória.

ABSTRACT: Interview granted, like the others that make up this Dossier of the *Sociological Perspective* (issue #32), as part of the effort to rescue the memory of events and passages related to the formation process of the Professional Association of Sociologists of the State of Rio de Janeiro (APSERJ) in the 1980s. The accounts shed light on the discussion of the sociologist profession, which eventually paved the way for the struggle to reintegrate Sociology into basic education, then referred to as the high

¹ Graduanda em Psicologia - Universidade Veiga de Almeida. Ex-bolsista no PIBID/CP2 - 2020.

² Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular do Colégio Pedro II. Pesquisador do Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública (Lepdesp/UERJ) e do Núcleo de Estudos dos Países BRICS (NuBRICS/UFF).

³ Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do LAEDH/CPII, na linha de pesquisa do Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

school, with the approval of the mandatory status achieved in the state constitution of 1989. There are seven testimonies from social scientists who were involved to varying degrees in the creation of the Association and in the fight for the return of sociology to basic education. The present interview is a testimony from Eduardo Gomes, a professor at the Federal Fluminense University. The testimonies are part of a series of interviews conducted between September 2020 and June 2021 as part of the academic research "Organizations and Struggles for the Teaching of Sociology in Basic Education," proposed by Prof. Lier Pires in collaboration with Prof. Roberto Mosca Junior and the grantee Gracielle Rodrigues from the Initiation to Teaching Program developed in the context of the Social Sciences degree at Colegio Pedro II, PIBID/CP2.

KEYWORDS: Teaching of Sociology, Sociology in High School, Social Movements, Memory.

Lier Pires Ferreira (LP): Professor Eduardo, a gente vai dar início agora à tua participação nesse projeto que se chama “Organizações e lutas pelo ensino de Sociologia no Rio de Janeiro”. Em determinado momento no conjunto do campo, de ir ao campo, fazer as entrevistas, a gente entendeu a importância de falar um pouco da Associação dos Cientistas Sociais do Estado do Rio de Janeiro (ACISERJ), que é uma associação da qual antecede a APSEERJ na qual você teve uma participação logo no início das discussões etc. a APSEERJ ela surge especificamente... Estou com a ATA de formação aqui. No dia 26 de novembro de 1981. E antes disso, funcionava a ACISERJ, se não me falha a memória é da segunda metade dos anos 70, ali entre 1977, 1979, naquele contexto da redemocratização. Mas antes de entrarmos especificamente nesse ponto, eu queria que você falasse um pouco do Eduardo Gomes, um pouco do ambiente familiar, da formação dos pais, da profissão dos pais. Onde é que você viveu? Onde você foi criado? Onde você se formou? Quais são suas filiações intelectuais e políticas? Eventuais obras que tenham marcado a sua trajetória na juventude, no ensino médio ou na faculdade. A gente queria ouvir um pouco sobre o Eduardo Gomes.

Eduardo Gomes (EG): Pois é. A APSEERJ é a que dá início depois a ACISERJ?

LP: ACISERJ dá início. Porque era o seguinte: era uma associação de cientistas sociais no Estado do Rio de Janeiro, que envolvia além dos sociólogos, cientistas políticos, antropólogos, segundo as informações que nós colhemos do Gisálio e da Maria Helena Mendonça, também o pessoal da história, pessoal da geografia e outros grupos. Lá pelas

tantas, houve o reconhecimento de que cada uma dessas profissões, dessas formações, que tinham suas especificidades, inclusive no ponto de vista das lutas sindicais, corporativas, científicas, acadêmicas, políticas, enfim...e não necessariamente as estratégias também eram comuns. E foi a partir daí que uma série de colegas foi para outras associações, digamos de cunho mais corporativo, pudemos falar assim, ou identitário a nível de formação. E em 81 foi criado a APSERJ, que é a Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro. Uma associação pré-sindical seguindo a legislação da época e exigia a criação de uma entidade pré-sindical, que a posteriori poderia ser convertida em sindicato. Isso nunca aconteceu. A APSERJ continua existindo, embora muito mais... Talvez pelo voluntarismo de duas ou três pessoas, que efetivamente enquanto uma entidade representativa que ela foi no passado. E hoje existe um sindicato de Sociólogos no Rio de Janeiro que foi fundado por um louco que nada tem a ver com a trajetória, com a história, enfim, da APSERJ. Mas antes da gente chegar nas entidades, a gente queria ouvir um pouco do Eduardo nessa linha da família, formação, profissão dos pais, o que eles faziam, como era seu ambiente doméstico? O que te levou a fazer Ciências Sociais? Onde você estudou? Quais eram as suas filiações políticas e intelectuais? As obras que eventualmente tenham te marcado na juventude que de alguma forma ajudaram com que você viesse ser a pessoa que você é hoje.

EG: Bom, meu nome é Eduardo Gomes. Sou conhecido como Eduardo Gomes, mas meu nome completo é Eduardo Rodrigues Gomes. Minha opção por cursar Ciências Sociais cedo, foi pragmática de certa forma porque naquela época era um curso de Bacharelado e Licenciatura, mas que contemplava... Era o curso mais interdisciplinar que havia, assim, envolvia inclusive dois semestres de Estatísticas, para o qual, havia também o ensino de Matemática. Então, tinha dois semestres de Matemática, a disciplina era chamada de Complemento da Matemática, a qual disciplina se seguia estatística, quer dizer, tínhamos muita Economia, acredito que atualmente são dois semestres. Tínhamos, então, Economia estudada com o livro muito famoso, um livro amarelo pequenininho, uma espécie de manual, escrito por Antonio Barros de Castro, economista mais do que reconhecido, ex-presidente do BNDES, professor de Economia da UFRJ já falecido infelizmente. Mas tínhamos... quer dizer... Tínhamos Geografia. Tínhamos História. E tínhamos as Ciências Sociais básicas, Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Então, era um currículo bem diverso. E para mim parecia que não tinha tanta definição

profissional naquela época. Parecia a melhor opção a ser tomada, assim, era a mais pragmática, eu achei que... Daí pra frente eu escolheria uma dessas áreas provavelmente, essa opção... Eu prestei vestibular, naquela época o vestibular era isolado, assim, para cada instituição. Eu prestei para a UFF porque era a minha opção de moradia. Niterói era o melhor lugar para morar porque tinha o meu irmão mais velho casado morando lá, um formado do Salesiano que era um colégio importante também de Niterói.

LP: Eu estudei lá.

EG: É? Pois é. Não sabia. Ele estudou lá ainda. E foi colega da família da Cristiane, da família do Raimundo Romeu.

LP: Grande companheiro.

EG: Foi contemporâneo do Raimundo Romeu. E enfim, ele já morava em Niterói. E um outro irmão, sou o mais novo, o segundo irmão tinha mudado também para Niterói. Então, onde eu estava? Eu estava em Juiz de fora. Na época, eu fiz um terceiro ano clássico e depois de dois anos de científico. Esse terceiro ano clássico já me disse na época, já me sinalizou. Eu não queria ser nem médico, nem engenheiro e desculpe Lier, advogado. Porque Lier, ciência pura. Então, hoje eu admiro muito essas profissões por várias razões, principalmente advogados e médicos. Mas, eu também em 1969 no ano do pré-vestibular, pré-faculdade caso eu passasse. Começava a parecer importante na época, o tal exame vocacional.

LP: Teste vocacional.

EG: Eu fiz o teste vocacional. Que não me ajudou em nada.

[risos]

EG: Deu as mais diversas profissões. Se não me engano, deu neurologista.

GR: Nossa senhora.

EG: E ator dramático. Meteorologista. E acho que alguma coisa na área de Sociologia, humanidades, alguma coisa assim. Quer dizer, não ajudou nada.

LP: Deixou mais confuso ainda. não é?

EG: Claramente.

GR: Quando eu fiz o meu teste vocacional na escola, deu Ciências Sociais, mas não era minha primeira opção também. Aí eu escolhi por causa do teste vocacional. Foi bem assim.

EG: Isso. Mas sabia que o teste foi muito...

GR: Foi bem aleatório, não é?

EG: É. Foram 5 dias de teste, eu me lembro bem. Cada dia era um tipo diferente de teste feito por uma psicóloga, enfim. Estava começando a pipocar isso em Juiz de Fora.

LP: Então, você é mineiro?

EG: Sou mineiro de Carangola, é a terra também do Victor Nunes Leal. Aliás, vale a pena, não sei se você sabe, porque o Palácio Alvorada se chama assim. Chama-se Palácio Alvorada porque é o lugar onde o Victor Nunes nasceu, e Juscelino quando ofereceu a Casa Civil a ele, perguntou se ele gostaria do nome, se ele aceitava que desse o nome da cidade dele ao Palácio, e ele aceitou obviamente.

LP: Claro.

EG: Então, palácio virou Palácio do Alvorada, e Alvorada existe perto de Carangola, um subúrbio, enfim. Parte de Carangola.

LP: Um distrito, alguma coisa assim?

EG: Exatamente. Enfim. Voltando a Juiz de Fora, eu fiz primeiro e segundo científico na chamada Academia... onde eu tive um grande também professor, de certa forma me marcou bem nessa área humana, enfim. Um professor de história que é o... já foi ministro da educação do Itamar. Um professor chamado Murílio Hingel.

LP: Murílio Hingel.

EG: É. Um professor famoso em Juiz de Fora. Foi professor dos meus irmãos que também estudaram em Juiz de Fora. Então, foi muito boa. Bom, isso que me levou então a fazer essa confusão toda, essa dispersão de interesses. Eu gostava muito de Física, principalmente a área de Termodinâmica quando eu descobri que energia e massa se

transformam. Foi muito rico esse segundo grau científico e tudo mais. E fiz um terceiro clássico no instituto chamado Instituto Granbery, onde o grupo de filiação se não me engano era Metodista ... ou Batista, alguma coisa assim, que existe em Juiz de Fora há muito tempo.

LP: Desculpa Eduardo, eu não consegui ouvir bem o nome do instituto.

EG: É Granbery. Instituto Granbery.

LP: Granbery.

EG: É conhecido porque é Granbery com ‘N’. Porque esse é um nome familiar, eu acho, enfim.

LP: Perfeito.

EG: Teve muitas famílias. Teve muitas imigrações de estrangeiros no séc. XIX, alguma coisa assim.

LP: E tua família? Teus pais? Qual era seu quadro familiar?

EG: Vou chegar lá. Meu pai tinha só ensino primário em função do pai dele ter morrido, eu nunca conheci esse meu avô. Ele ficou com uma arrimo de família como se diz, não é? E a família grande de moças. Moças mulheres. Então, ficou a viúva minha avó Helena, e as irmãs dele e mais um irmão que era um pouco adoentado. Ele é nascido em Cisneiros no Estado do Minas Gerais. E por conexões de amizade, alguma coisa, arranjou um emprego escriturário na empresa que fabrica até hoje o queijo Regina, manteiga, enfim. Mas era uma firma que tinha na matriz, sede de Carangola, chegou a ter três mil empregados e teve um crescimento muito horizontal, tinha torrefação de café, fábrica de macarrão, fábrica de laticínios, representava várias marcas, oficina mecânica, fábrica de sabão de glicerina, tipografia na empresa. Então, era uma empresa familiar, chamava Barbosa & Marques, eram as duas famílias. E meu pai trabalhou lá a vida inteira. E foi mais ou menos ascendendo, acredito que pelo seu desempenho, não é? Ascendendo na empresa ao longo da vida. E minha mãe... Minha família é uma família católica. Minha mãe era ligada em colaborar com a igreja, com a matriz de Carangola. Nós morávamos bem perto da matriz e em um certo momento também, outro dia eu estava me lembrando disso, ela se voltou para implantar na firma do meu pai a assistência social na empresa,

mas assim, meio filantrópica e tal. Mas foi uma iniciativa que ela teve lá no começo dos anos sessenta. Ela começou a ajudar os funcionários mais pobres, os trabalhadores mais pobres, vários tipos de assistências. Ganhou para instalar essa área de assistência social na firma. Eu acho que isso de alguma forma deve ter me tocado. Mas isso também não prosseguiu porque nós acabamos mudando de Carangola dentro da empresa, por motivos da empresa, para Governador Valadares e nesse ponto mudamos dia 28 de agosto de 1964. Eu me lembro da data porque era a data de aniversário do meu pai, e ele ganhou esse...

LP: Presente.

EG: É. Esse presente. Como se diz: grato presente. Enfim. A firma já tinha 64, e ele tinha 54 anos, ele é de 1910. Quer dizer, não era uma coisa... Acho que causou algum transtorno para eles dois. Nesse momento, eu morava com eles. Eu fiquei como filho único porque meus irmãos já estavam fora. Estudaram todos no Salesiano. Diferentes gerações.

LP: Havia um Salesiano em Minas, então?

EG: Todos vieram estudar em Niterói. E até em Ponte Nova. Porque apesar da matriz ser em Carangola, a diretoria ficava aqui no Rio. Então, nós tínhamos sempre reuniões no fim do ano da diretoria. Meu pai chegou a virar diretor da empresa. Um diretor com participação bem minoritária. E nós viemos ao Rio. Eu frequento o Rio desde os seis anos, sete anos de idade. Anualmente viemos ao Rio. Fiquei no Hotel Rio, fica até hoje na praça Tiradentes.

LP: É.

EG: Então, eu acho que eu sempre gostei da cidade grande. Por isso, eu sempre na época de escolher Juiz de Fora... Juiz de Fora na verdade quando eu saí de lá, a cidade universitária estava sendo criada lá no morro do imperador.

LP: Martelo? Campus do Martelo?

EG: Campus do Martelo. Exatamente. Estava sendo criada. Eu tinha a opção, ou ficava em Niterói com o irmão ou ficava em Juiz de fora com irmão, ou vinha para o Rio, para Niterói. Eu optei por Niterói. Simplesmente porque eu acho que eu gostava de Niterói que era próxima do Rio e tal. Gostava de cidade grande.

LP: E onde você morava em Niterói?

EG: Nessa época eu morava na Álvares de Azevedo. Eu morei em muitos lugares em Niterói.

LP: Somos vizinhos. Fui nascido e criado em Icaraí, niteroiense convicto embora eu more na Tijuca há dez anos, e eu morava em frente ao campo São Bento na Gavião Peixoto.

EG: Pois é.

LP: Mamãe ainda mora lá.

EG: Muito bom saber.

LP: Bem perto onde a Cristiane mora hoje, inclusive do Romeu também.

EG: Certíssimo. Eu morava no 77. Eles moram um pouco mais pra frente.

LP: Isso.

EG: Um pouquinho mais, não é? Enfim. Isso que me levou então para Ciências Sociais, meio que como uma extensão, assim, do meu curso científico clássico. Quer dizer, outra disciplina que acho que havia era Filosofia, Introdução à Filosofia, alguma coisa assim. Então, era uma extensão. Para mim era uma extensão enquanto eu não me resolvia na vida.

LP: [risos]

EG: Acho que conseguimos aí.

LP: Legal. E aí você entra no curso de Ciências Sociais na UFF, qual é o clima? O que você sente? Quais são as impressões? O que se discutia naquele momento na Fluminense? Quero crer que no campus do Valonguinho, que é onde você ingressou ou não era ainda lá? Conta um pouco para a gente tudo isso.

EG: O curso inicialmente estava instalado na própria reitoria no segundo andar, alguma coisa assim.

LP: Para você era um espetáculo, não é? Estava na porta de casa.

EG: Na porta de casa. E na Semana Santa ele mudou para onde hoje é o IACS, que é o curso...

LP: Comunicação.

EG: Em?

LP: Instituto de Comunicação Social.

EG: Pois é. Era um Colégio que tinha sido cedido para a UFF. A UFF também tem algo semelhante a Juiz de Fora. Ela não foi um projeto de universidade, mas foi agregando várias faculdades que foram mais tarde racionalizadas de certa forma.

LP: Aquele projeto do Juscelino de expansão do ensino superior e de criação de uma universidade federal em cada capital. E naquele momento, Niterói era a antiga capital do Rio de Janeiro, quer dizer, antes da fusão em 74. Então, a UFF é uma reunião de faculdades públicas e privadas nas mais diversas áreas, aí esse caráter disperso que ela tem até hoje, não é?

EG: Isso.

LP: Tem campo unidade Santa Rosa, outra na Praia Vermelha, outra no Centro, e no Centro tem mais de uma.

EG: Sem falar nas unidades fora de Niterói, não é?

LP: Sim. Aí já é uma expansão. Já é uma outra realidade.

EG: É. Mas nós éramos parte... O curso de Ciências Sociais ficava na faculdade de Filosofia, assim, institucionalmente. E acho que tinha sido criado a pouco tempo. E na semana santa, enfim, eu me lembro que houve um feriado da semana santa e nós fomos transferidos para o Bittencourt Silva, que era o Colégio... Um prédio antigo e tal. O clima... Eu não sei se eu enxergava bem as coisas, como eu falei, para mim o curso de Ciências Sociais era bem aberto. Apesar de eu ter descoberto a presença de um militar da marinha na minha turma, um estilo bem diferente de todos nós, assim, era fortão, carregava o mesmo fichário sempre, não falava nada. Um dia, acho que esbarrando no fichário, o contracheque dele caiu, e era um militar da marinha.

LP: [risos]. Infiltrado, não é?

EG: Infiltrado, exatamente. Mas enfim. Tínhamos os professores José Nilo Tavares, Ronaldo Coutinho. Jovens professores de Antropologia recém formados no Museu Nacional, mestres em geral, Wagner, Lúcia. Vários desses. Muitos professores. Todos os professores jovens, fora o José Nilo que tinha vindo de Minas, José Nilo Tavares. E o Cássio Farias na área de Antropologia também, enfim. Posso esquecer nomes, aliás é uma viagem na memória, posso estar esquecendo vários nomes vale ressaltar isso. E o interesse era bem... Nós sabíamos, eu sabia mais ou menos que era um curso, vamos dizer, visado. Eu vi que era visado. Tinha notícias. Eu era uma pessoa razoavelmente informada. Mas a convivência do curso era bem legal assim. Era uma convivência político-acadêmica bem livre nesse ano da UFF. Porque a UFF também, outra vantagem da UFF...

LP: Você entra em 1970 na UFF, é isso?

EG: Em 1970, exatamente. Não era um curso ainda reconhecido, reconhecido formalmente, quer dizer informal e formalmente. Os professores eram jovens, não tinham, vamos dizer assim para simplificar, vários deles não tinham ‘ficha no cartório’, apesar de alguns sim.

LP: Possivelmente o Ronaldo já tinha, não é?

EG: Já tinha. O José Nilo também veio de Minas porque a situação levou ele a se mudar, levou ele não, o levou a mudar para o Rio, e foi isso. O curso funcionava de tarde com disciplinas à noite, mas o turno era à tarde. Então tinha pessoas que trabalhavam, pessoas de áreas diferentes, distrações diferentes. Tinha gente interessada... Um amigo meu até hoje trabalhava com informática nos bancos, ele trabalhava de madrugada nos bancos.

LP: Compensação. [risos]

EG: Compensação, não é. Então, tinha gente ligada ao jornalismo, não havia ainda o curso de comunicação. E outras coisas que eram condições primárias ou secundárias interessadas em... Uma breve curiosidade, frequentou também lá no nosso semestre foi frequentado pela Ângela Castro, que é uma historiadora enorme e acabou se casado com... Não sei quem casou com quem, mas o casal foi ela com o meu irmão. Por isso ela também é conhecida como Ângela Castro Gomes.

LP: Gomes.

EG: Mas o Gomes veio do meu irmão que estava frequentando também o curso. Ele fez o vestibular junto comigo. E nós dois passamos. E ele também frequentava.

LP: É o seu irmão do meio?

EG: É o segundo mais velho. Hoje o mais velho morreu, o segundo é o Emílio marido da Angela e tenho um irmão bioquímico que mora em Juiz de Fora já aposentado, chamado Rogério...

LP: Você é o 4, então?

EG: Éramos 4. Agora somos 3. Então, o que mais? Então, era muito... Acho que a situação mais para frente no decorrer do curso, a situação política mudou. Houve perseguições lá dentro. Foi frequentado talvez por pessoas que já levavam alguma bagagem política, bagagem nos dois sentidos, também currículo, enfim, fichas que eu quero dizer. Houve a instauração de uma diretora ligada... Ainda existia na UFF assessoria como se chamava de... Não era inteligência, não. Era de... A quem fazia... O MEC em algum momento nomeou... O MEC ou o SNI nomeou assessores de informação.

LP: Perfeito.

EG: Junto aos reitores.

LP: Assessoria de informação, não é?

EG: É. Eu não sei se o nome era esse, mas era algo do tipo. Então, ele em algum momento... Alguns deles viam o curso como algo ameaçador. Puseram uma diretora bem mais autoritária e tal. Houve perseguição. Eu realmente não lembro muito porque, inclusive, em 1972 ou 1973 eu passei a trabalhar de certa razão, passando certa necessidade, eu trabalhei no jornal do Brasil, Plantão.

LP: Onde hoje você publica, olha que espetáculo, não é?

[risos]

EG: Pois é. O editor atual era meu conhecido. É meu conhecido nessa época, que é Gilberto Menezes Côrtes.

LP: Gilberto Menezes Côrtes. Eu o conheço também um pouco.

EG: Então, eu estou me perdendo aqui.

LP: Você fazendo o curso a situação política começou a endurecer. Houve algumas perseguições. A nomeação de uma diretora digamos que mais alinhada com o regime militar e você acabou tendo que trabalhar por necessidades pessoais.

EG: Isso.

LP: E foi trabalhar no JB com o Gilberto, que era o seu chefe lá.

EG: Gilberto era colega. Era um colega avançado, formado em comunicação, enfim. Ele era jornalista. Ele é atualmente. E hoje... Eu na verdade comecei a trabalhar também, essa é a questão, eu comecei a trabalhar de tarde no jornal do Brasil ainda na avenida rio branco, com o Noênio Spínola que é o editor da área de Economia. Eu consegui esse emprego através. Não é emprego, eu consegui lá como estagiário. Eu recebia alguma coisa lá. Tipo estagiário. E quem me indicou lá foi o Alberto Strozenberg, era um conhecido do meu irmão. E mais tarde, eu fui promovido. Tive a possibilidade de trabalhar no 'plantão' ganhando muito mais, era 5x mais do que eu ganhava como tipo estagiário que era de tarde, que me fez parar de seguir o curso. Fiz algumas disciplinas de manhã. Não me lembro de ter feito alguma disciplina à noite. Vamos dizer que eu tampei os buracos. E mais tarde quando eu comecei a fazer o Plantão, aí sim eu voltei para o curso. Porque o 'plantão' já era na Avenida Brasil, no Prédio do Jornal do Brasil.

LP: Hoje é o INTO (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia).

EG: INTO, exatamente. E eu começava às 22 horas, então, eram mais ou menos as 22 horas quando o jornal estava fechando na época. Me lembro que essa editoria de Economia era muito vamos dizer assim, importante. Porque o Brasil grande estava acontecendo, era a época do milagre. Chegava dias que tinha... Eu não me lembro, talvez 15 páginas de matérias com anúncios. Quer dizer, 15 páginas estavam por conta da Economia.

LP: Espetacular.

EG: Todas as editorias tinham 3 páginas, coisas assim.

LP: No curso como você se colocava? Quais eram os seus interesses de pesquisas ou estudos?

EG: Variou muito. Eu acho que variou entre Sociologia e Ciência Política. Antropologia eu gostava. Acho que pela curiosidade que o saber antropológico cativa na gente, mas não via como uma coisa afim comigo. Eu fiquei entre Sociologia e Ciência Política. E também um outro professor muito importante foi o Francisco Ferraz que dava aula de política, de pensamento político Brasileiro. Mas dava aula inédita. Acho que ele fazia doutorado na USP. Aqueles doutorados antigos nessa área. Mas ele também dava aula de Metodologia das Ciências Sociais, e aí desarmou todo o meu conhecimento criativamente. Ele desafiava qualquer coisa que a pessoa falasse.

LP: O Chico era fantástico, realmente.

EG: Então, foi isso. O meu engajamento na minha profissão, na profissão, é essa carreira que eu quero. Dizia-se também que as Ciências Sociais só serviam para dar cadeia.

[risos]

LP: Cuidado, Gracielle. [risos]

GR: Vou ter que tomar cuidado. [risos]

EG: Então, o divisor de águas, acredito, veio quando duas professoras, eu acho, que marcaram esse divisor de águas para sociologia, para as Ciências Sociais, que foi a Lúcia Olímpia e a Maria Antonieta nossa conhecida. Engraçado que a alguns dias estávamos falando disso, eu, ela e a Celina. Então, as duas me levaram a estudos empíricos, eu sempre ficava buscando isso. Então, fiquei muito contente porque era um trabalho empírico, um trabalho que exigia articular conceitos. Tinha recém saído a tese do Sérgio Abranches de mestrado que é sobre legislativo no regime autoritário. Nós usamos as mesmas categorias e foi muito bom. Foi um trabalho em equipe e fim com a Angela Barbosa. Com a Lúcia, fiz Sociologia Rural, o que me estimulou a olhar pro Censo Agropecuário, que tinha saído naquele ano, A partir dos dados dele, eu calculei a expansão das propriedades rurais tabelados por ano e tamanho. Deu pra concluir que as grandes, havia uma tipologia, estavam crescendo mais... Ou seja, a concentração da propriedade estava crescendo. A Antonieta e a Lúcia também estavam fazendo mestrado

no IUPERJ se não me engano. Então, eram professoras muito ativas, traziam uma carga de formação delas para a sala de aula. Então, foram essas duas. Eu antes de eu terminar o curso, eu terminei no quinto ano porque no segundo e no terceiro, terceiro e quarto eu diminuí. Consegui terminar no quinto ano. E antes de terminar eu fiz exame para o antigo IUPERJ e passei. Só que eu tinha escolhido Sociologia. Eu pensava até em fazer Economia Regional, lamento não ter feito, foi uma escolha não feita no Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais), ele tinha um curso e mestrado de Economia Regional, Economia do Desenvolvimento Regional, alguma coisa assim. Não fiz. Fiz Sociologia aqui no Rio. E havia vários Sociólogos importantes, famosos e tal. Mas acho que no segundo semestre eu pulei para Ciência Política. É, exatamente. Eu mudei para Ciência Política no segundo semestre. E era fácil, não precisava... Enfim....

LP: E ali qual foi um pouco da sua discussão, o que você desenvolveu no mestrado?

EG: Eu estou falando muito?

LP: Não. Vamos lá. Pelo contrário, eu estou te perguntando. O que você desenvolveu ali no mestrado? Qual foi o seu tema?

EG: O mestrado me possibilitou também trabalhar com dois professores Eli Diniz e Renato Borges. Pesquisa com empresários ajudou muito. Por assim dizer, trabalho com o Renato até hoje, um grande prazer. E durante o mestrado, eu vou chegar lá no tema, eu também por ter sido aluno da Lúcia, acredito, fui trabalhar no CPDOC que então recrutava pessoas nesses vários mestrados, várias pós-graduações. E eu gostei muito mais da Ciência Política, enfim, me identifiquei. Quando eu falo “gostei” é porque me identifiquei. Falei que eu tinha me identificado com Antropologia, mas me lembro que fiz um trabalho também de fim de curso com a Sandra dos Reis sobre “Casal sem filhos”, como é que casais sem filhos eram estigmatizados, fizemos entrevistas e tal. Quer dizer, a confusão continuou, não é? Fiz um trabalho bom em Antropologia, um trabalho bom em sociologia, que eu achei pelo menos, e um trabalho bom em Ciência Política... E gostei muito também, mais ainda de Ciência Política no IUPERJ por razões óbvias. Mas eu segui um tema do projeto sobre o qual eu fui trabalhar com a Lúcia Lippi, que era o debate político em torno da Revolução de 30, em torno da República velha, que rendeu um livro

e rendeu a minha tese, rendeu o tema que foi estudado, que foi o ‘agrarismo’, o ruralismo no Brasil. E a tese que eu fiz sobre as orientações das quais acabaram, mas enfim, eu descobri o agrarismo jeffersoniano aqui no pensamento político nacional, na verdade fluminense. Quer dizer, um grande intelectual disso foi o Alberto Torres que era um crítico do latifúndio. Então, na minha visão o agrarismo que existiu no Brasil não era nada do agrarismo que era visto de forma meio apressada, talvez o agrarismo como ideologia das oligarquias. Não. O agrarismo era contra a ideologia das oligarquias. Então... Inclusive aquele livro científico do tenentismo, um manifesto do Clube 3 de Outubro, que é publicado depois da revolução de 30, tem um projeto de reforma agrária. Quer dizer, o tenentismo nessa época estava, de certa forma, em lua de mel com Getúlio Vargas. Quer dizer, então, que ele estava falando em reformas e entre essas reformas era a reforma agrária do latifúndio, distribuição de terras. Então, isso não pode ser visto como ideologia das oligarquias. Então, foi isso, Lier. Enfim, mais à frente eu também tinha aprendido inglês e tudo mais. Um pouco mais a frente, eu pensei ‘bom, por que não tentar um doutorado lá fora, não é?’. E tentei. Fui aprovado. E fui para Chicago em 1982. Saí do CPDOC. Eu fiz concurso para a UFF. Já com mestrado eu fiz concurso. Um concurso que era para a profissão de colaborador mas aquela Ministra... A universidade brasileira estava cheia de... Um número enorme de professores colaboradores que não tinham... Ela fez uma incorporação e ingressaram esses professores no serviço público. Então, quando eu fui para Chicago eu já era... Obtive uma licença para cursar o doutorado lá.

LP: E agora me fala o seguinte: a ACISERJ, essa associação de cientistas sociais, o que te aproximou? O que fez ela acontecer? Quais eram as questões que estavam colocadas nessa relação entre academia, profissionais que atuavam no mercado como Sociólogos, empresas, instituições que não necessariamente eram de pesquisas? Como é que era esse clima? Conta um pouco isso para a gente.

EG: Eu lembro bem. Eu só não tenho a data certa. Mas acredito que a ACISERJ resultou de uma reunião de alguns dias. Foi mais de uma reunião que uniu José Nilo Tavares que era professor da PUC também, além de da UFF. Ele convocou essa reunião lá na PUC. Essa ACISERJ se reuniu na PUC. E havia duas propostas e foi uma reunião de 50 ou 80 pessoas, eu não me lembro. Foi naqueles auditórios da PUC inclinados com a plataforma... porque nessa época também eu me casei. No final do curso, eu me casei. E

minha mulher também fazia o curso de Ciências Sociais. E ela me falou que estava havendo esse movimento. Alguém me informou que ia acontecer na PUC essa reunião. E eu fui.

LP: A sua mulher fazia Ciências Sociais na PUC?

EG: Não, fazia na UFF também.

LP: Ah, fazia na UFF também.

EG: Ela era muito amiga de uma pessoa que você também pode procurar que é o Paulo Magalhães, ele era casado com uma Márcia. Segundo ela, era muito amiga da Márcia. Mas o Paulo Magalhães está inclusive no Facebook, ele é fácil de achar.

LP: Eu vou te pedir depois esse contato.

EG: Ele foi muito ativo nisso. Talvez mais na outra. Mas nessa, enfim, eu me lembro bem que um sábado a tarde houve 76 ou 77, não me lembro a data, o ano. Só me lembro o dia da semana. [risos]. Foi num sábado. Mas eu me lembro bem que se colocou a discussão exatamente de associação aberta que foi a ACISERJ e uma associação fechada, uma distinção que se fazia para Sociólogos. Quem defendia essa associação ‘fechada’, a qual eu também me filiei, era o José Nilo. Acho que ele era do Partidão e queria formar uma associação de Sociólogos ou cientistas sociais, e sem sucesso, vamos dizer. Mas não ganhou. Fomos, como se diz, fragorosamente derrotados. E ganhou então a ACISERJ que é uma associação ampla de...

LP: Quem era o patrono dessa proposta da ACISERJ?

EG: Não me lembro. Eu lembro que era unânime a divisão que o José Nilo e o pouco, um número pequeno de pessoas iam ser derrotados. Então, isso foi uma assembleia em um sábado à tarde. E o José Nilo saiu muito bem, ele disse ‘vou me filiar à associação de vocês’ etc. Tudo democrático, ganhou a abordagem de vocês, quer dizer, o argumento era que todos eram Cientistas Sociais. Então, historiadores, economistas, todos podiam ser.

LP: Geógrafos.

EG: Geógrafos podiam entrar. E o José Nilo não, ele acreditava mais na associação fechada, ele acreditava mais no enfoque escrito, a APSERJ, não é?

LP: Posteriormente.

EG: Posteriormente.

LP: Assim, só para a gente entender, não é? Quais eram os propósitos que de alguma forma motivaram com que um número grande de pessoas? De todos que você fala, eu mais ou menos os conheço porque eu fiz o meu Mestrado em Relações Internacionais na PUC então eu tenho a noção, são auditórios relativamente grandes, não é? O que levou vocês a estarem ali? Qual o estímulo?

EG: Eu acho que o primeiro... De um lado a associação com um enfoque amplo era a ideia de que, transcendente até em certo nível, de que todos são cientistas sociais. Acho que nem o José Nilo questionava isso.

LP: Questionava, não é?

EG: Mas ele acreditava em uma associação profissional de Sociólogos.

LP: Mas assim, o que levou vocês a irem lá? Quais eram os motivos que justificam a fundação de uma associação? Seja ela mais ampla ou mais restrita.

EG: Eu não sei. Eu tenho ideia da mais restrita, Lier. Era um fortalecimento da profissão.

LP: Perfeito.

EG: Não existia profissão. Mas o fazer do cientista social, um fazer específico que não contemplava essa indefinição de que todo mundo podia caber.

LP: Tinha um caráter então corporativo de alguma forma? No sentido positivo.

EG: Sim. E de fortalecer, desenvolver, enfim. Piorar a qualificação nos sentidos gerais de fortalecimento da profissão.

LP: Tinha questões políticas envolvidas na perspectiva da redemocratização? Tinha algum caráter de militância político ou partidária?

EG: Podia ter. Eu não vi muito isso. Talvez existisse mais na plataforma que ganhou, esse aí com a definição de que todos somos cientistas sociais tinha um lado de

democratização do saber sociológico, cientista social. Como eu falei como você, o meu curso não tem essas disciplinas todas. Hoje não é mais. Hoje não é mais geografia. Dois semestres de Economia, dois ou três, enfim. Hoje é bem mais profissional. Sem falar que existem cursos de Bacharelado em Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

LP: Isso.

EG: Bacharelado dessas disciplinas. Então, na outra havia uma proposta... Certamente essa ideia de demo... Enfim. De que os diversos cientistas sociais tinham o mesmo enfoque talvez. Não o mesmo enfoque especificamente, talvez algo igual, impermeável. Diferentes enfoques, vamos dizer assim.

LP: Deixa eu te fazer uma pergunta. No ponto de vista da atuação profissional, quais eram os espaços de atuação profissional para o Sociólogo no teu tempo? Ou seja, no momento em que você estava se formando, ingressando no mestrado. Quais eram os horizontes que você vislumbrava? O que você poderia fazer na condição de Sociólogo? Quero crer que você não tenha feito a licenciatura, não é?

EG: Eu fiz os dois.

234

LP: Fez os dois.

EG: Fiz os dois. Lier, não sei. Eu fiz dois trabalhos, na verdade, no ano em que eu entrei, agora que você me perguntou eu me lembrei, eu fui recenseador do censo de 1970. Fiz teste. Fiz concurso. Passei para recenseador. Então, eu trabalhei como recenseador. Fiz um outro trabalho de psicologia, mais ou menos de psicologia organizacional na fundação, mais esse trabalho voluntário. Então o que tinha como perspectiva? Nessa época, saiu uma pesquisa na revista Realidade que era sobre o que jovem brasileiro pensa, alguma coisa assim, e foi muito importante. Então, eu achava que devia ter lugar para trabalhar. Na graduação eu pensava que ia haver. Mas como essa pesquisa foi qualitativa e quantitativa com grande número de jovens. Talvez pondo na internet, você pesquisa jovens realidades, a revista Realidade que foi uma revista importante no Brasil em certo momento. O jovem no mundo de hoje, alguma coisa assim, o que o Brasileiro jovem pensa. Quer dizer, ao meu ver, que havia trabalhos que envolviam Sociólogos, só não sabia como chegar lá. E logo entrei no mestrado onde eu tive bolsa. O mestrado na época, era um mestrado de quatro anos, eram dois anos de curso e dois anos de pesquisa. Basta

dizer que minha tese de mestrado tem o mesmo tamanho que minha tese de doutorado. Quer dizer, não é a de doutorado que é grande, é a de mestrado que é grande, podia ser bem menor que a de doutorado. Enfim, eu via que havia e acredito que havia mesmo, depois com o meu viver hoje, de ter passado por isso. Eu acredito que havia, só não sabia como chegar. E a associação mesmo que se fosse fundada, a associação que o José Nilo defendia e eu também porque votei nessa opção. E não sei se faria muita diferença porque essa Realidade era uma revista aberta de São Paulo, então acredito que o Rio de Janeiro tinha muito pouco interesse. Me lembro também que logo que entrei, uma pessoa que trabalhava como Socióloga, primeira pessoa que eu vi que trabalha como socióloga foi minha colega de mestrado, Helena Bomeny, que já começou a trabalhar ou trabalhava antes na Fundação Bandeirantes no setor de filantropia sem essa carga negativa das escoteiras do Brasil, se não me engano. Fundação Bandeirantes.

LP: Eu achei que fosse a Rádio Bandeirantes de televisão.

EG: Não. Não. Então, era ali perto da Ministério da Aeronáutica no centro do Rio, ficava no lado de cá do Castelo. Ficava por ali na Fundação Bandeirantes se não me engano. Bandeirante era o nome dos escoteiros femininos.

LP: Femininos, isso.

EG: Então tá.

LP: Deixa eu te falar, você chegou a ingressar na ACISERJ ou participou apenas dessas reuniões preliminares?

EG: Participei apenas das reuniões. Acho que frequentava ocasionalmente na ACISERJ, levado por uma pessoa ou outra. Outra pessoa também, além do Fiore que você já entrevistou.

LP: Fantástico a entrevista.

EG: É. Outra pessoa importante também era a Marília Medeiros que era minha colega também de mestrado, enfim. Então, era levado ocasionalmente por uma pessoa ou outra. A Dulce Pandolfi. Acho que o Gilson, também já falei do Gilson Antunes, hoje ele está na Fundação Oswaldo Cruz. O Paulo Magalhães. Era um lugar de encontro, assim,

agradável com as pessoas. Mesmo que os temas fossem os mesmos, era um encontro social.

LP: Esses encontros aconteciam onde?

EG: Num auditório no Catete. Eu me lembro visualmente, mas não me lembro quem emprestou esse auditório. Era um auditório emprestado. Era um auditório de uma sala só. Talvez algum sindicato tenha emprestado.

LP: Era um sobrado, não é?

EG: Não sei. Bom...

LP: Se é um lugar que eu conheço, é ali em frente ao metrô do Catete. Porque quando eu entrei para a APSERJ como estudante ainda. Eles tinham uma categoria sócio-estudante, alguma coisa assim. Que era uma tentativa, claro, de atrair novos quadros e renovar as energias da associação que já naquele momento começava a entrar em decadência. O auge da APSERJ se deu com a campanha para a implantação da Sociologia no segundo grau. E logo depois parece que houve uma desmobilização logo depois do auge. Uma desmobilização muito grande. E essa associação, a APSERJ, ficava na rua do catete no número 142, era um sobrado onde nós nos reunimos na terça feira para essas discussões de caráter mais geral, discussão do campo, etc. No campo de trabalho. No campo de atuação dos Sociólogos. Enfim, era isso.

EG: Ali em frente ao Palácio do Catete?

LP: Não, acho que na mesma calçada.

EG: Ah não. Acho que em algum momento ela foi do outro lado nesse auditório que era dentro de um prédio comercial se bem me lembro.

LP: Entendi. Deixa eu te perguntar o seguinte: o que te levou, depois de ter participado das reuniões preparatórias, a não ingressar na associação? Mesmo que depois você tenha frequentado ocasionalmente, mas em uma dimensão digamos, social, espaços de debates mais livres, mais aberto, talvez mais democrático quero crer.

EG: A APSERJ eu não frequentei, não me filiei, não é?

LP: É.

EG: Não sei. Eu acho que eu estava na luta de... Quer dizer, a APSERJ, a associação de profissional...

LP: ACISERJ. Você foi do tempo da ACISERJ. A APSERJ foi depois.

EG: Você está perguntando à ACISERJ?

LP: Isso. Porque você não... Tendo as reuniões preparatórias, por que você não se filiou? Parece que o José Nilo se filiou, não é?

EG: Ele disse que ia se filiar.

LP: [risos]

EG: Eu me lembro que ele saiu da reunião fazendo um esforço de “parabéns aos vencedores, eu vou me filiar”, etc.. Não sei se ele se filiou. Eu acho que eu não me filiei também. Eu acredito que logo, isso eu não sei em que época foi, aqui está e, 1984.

LP: 1981 foi a fundação da APSERJ, então, ali acaba a ACISERJ. Porque, certamente, a fundação da APSERJ... a APSERJ sucede a ACISERJ. Então, acaba a ACISERJ e entra a APSERJ.

237

EG: Pois é.

LP: Então, a gente está falando desse momento anterior a APSERJ, que é a ACISERJ nessas reuniões preparatórias em que você esteve lá na PUC. Mas ao fim e a cabo, você acabou não entrando. Quer dizer, embora tenha tido contatos episódicos depois.

EG: Eu acho que eu já estava trabalhando. Fui professor na PUC também nesse período. Não me lembro, tenho que olhar os dados para ver. Eu acho que eu tinha 3 empregos nessa época. Acho que uma das razões era, ainda que tinha a parte social da ACISERJ proporcionava. Eu me lembro de, assim, chegar na PUC às vezes porque eu estava dando aula na PUC, na UFF e trabalhando no CPDOC ou trabalhando com o Renato depois. Eu me lembro de chegar na PUC, ainda tinha comprado um Fusca e me lembro de chegar e estar cansado, estar nitidamente esgotado. Mas eu ia lá, dava aula. E acho que foi uma das razões de eu não ter aguentado mais e me filiado à ACISERJ.

LP: Deixa eu te fazer uma pergunta. No ponto de vista da formação do campo profissional, dos espaços de atuação profissional, desse tipo de associação como a ACISERJ, na tua visão deu algum tipo de contribuição ou não?

EG: Acho que deu, com certeza que foi levantar a questão do ensino de Sociologia, talvez. Eu não sei, Lier. Eu não tenho certeza.

LP: A sociologia, a profissão do Sociólogo é regulamentada desde os anos 80. Essa questão da regulamentação do campo, era de alguma forma uma questão que fazia parte dos debates dos quais você participava, porque a lei que veio implementar a sociologia, a lei N° 6.888 de 1980 sucede um pouco desse esforço de criação da ACISERJ. Você tem notícias da participação desta associação lutando pela regulamentação da profissão do Sociólogo e se você tinha a notícias de alguma articulação também em relação a isso em outro Estado, Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, enfim. Estou citando aleatoriamente alguns Estados.

EG: Não tenho, Lier. Eu acho que eu estava realmente envolvido em fazer a tese de mestrado, como eu falei, foram 300 páginas, igual às 300 de doutorado.

LP: [risos].

EG: Dar aula na PUC. Dar aula na UFF. Trabalhar ainda em pesquisa com essas pessoas.

LP: Bem legal. Deixa eu te fazer uma pergunta para a gente encaminhar. Essa entrevista geralmente tem uma hora e meia e a gente já está batendo uma hora e quinze. O papo fluindo muito legal. Muito bom estar conversando contigo. Eu queria também saber o que você está fazendo hoje. Como é que está o Eduardo Gomes profissionalmente hoje? Quais são os teus temas? Quais são as tuas questões?

EG: Isso. Tem temas dos quais eu trabalho e tem vamos dizer dos quais eu trabalho também e tenho assim uma dedicação é mais de... Enfim, mais especial que eu vou começar por esse. Esse é um tema que eu que me interessei muito. É o tema da responsabilidade social corporativa. Eu tenho uma ideia de estudar a política da responsabilidade social. Eu vim só ligar lá o programa de pós graduação e sustentabilidade lá na UFF na Engenharia e acredito como...

LP: Mestrado e doutorado?

EG: Isso. E eu enviei também mestrado profissional também. Eu já orientei muitas técnicas. Acho que eles gostam da... Eles sabem da... Vamos dizer dessa... Desse lado do estupro de responsabilidade social, sustentabilidade, esse lado mais sociológico e político. Sabem e ouvem. Os alunos também. Então, esse é um tema que eu cultivo há muito tempo para fazer a tese de mestrado. Esse tema também me levou a estudar um movimento empresarial de São Paulo e redundou no Instituto Ethos que existe atualmente, existe há muito tempo e continua a existir. Mas eu estou... Eu pesquiso esse movimento há muito tempo. Chama Pensamento Nacional das Bases Empresariais.

LP: Perfeito.

EG: Acredito que estou próximo a fazer um livro sobre a trajetória do PNBE. Então com entrevista com todos os líderes do PNBE. Os atuais, os históricos do PNBE. Então, essa é a temática. Eu tenho carinho. Vamos dizer que uma atenção especial, mas gosto muito e trabalho muito com uma área vamos dizer de políticas públicas. É uma área que existe também na Política... Ela existe mas o termo é mais inglês, mas política de interesses. Corporativismo como forma de organização política, de organização de interesse. Eu tive um professor em Chicago, inclusive que falava que a gente "você vai a Viena". Ele era muito assim, estrela. Mas bem... A pessoa que morava no mundo. Você vai à Viena e vê lá o palácio x ou a câmara y aqui e acredita que você está vendo o governo. E ele dizia: não, não. O governo está atrás onde estão as entidades corporativas que na época, acho que acredito que ele Áustria. Eram muito organizadas e poderosas. Então o governo está lá. Lá estão as classes dominantes. Lá está o governo, certo que brincava assim. Então, eu trabalhei muito nisso. A minha tese envolveu estudar. Minha tese de doutorado envolveu estudar o impacto da... Eu acho que houve um certo movimento exportador do Brasil, exportador das indústrias. A indústria tentando deixar de ser substituidora de importações, a tentativa dela virar assim foi na época de atenção de interesse nos chamados 'tigres asiáticos'. Acho que o Brasil tentou também tentar seguir por aí no momento durante a ditadura. Então, eu estudei 3 setores. Isso também me levou a estudar as associações corporativas de 3 setores. São 3 setores bem diferentes, indústria têxtil seria a indústria menos moderna, de certa forma mais intensiva de obra, indústria automobilística que ela já era um pouco mais... Vamos dizer, mais bem mais recente na história Brasileira e por último a indústria de papel e celulose e essa ainda mais recente

de mais base tecnológica também, inclusive, o que depende da matéria prima depende diretamente da matéria prima. Então, por dentro do que era possível exportar. E foi bem possível. Na época, estar por dentro dessas 3 associações corporativas e paralelas também no Brasil.

LP: Lá na UFF você está na graduação também? Como é que você tá?

EG: Eu dou aula na graduação, assim, algumas disciplinas mais ou menos ligadas a essa questão, fiquei também ligado e interessado nos BRICS (países de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Você sabe disso, aliás. [risos].

LP: [risos].

EG: Tem que reconhecer que a pessoa que forneceu a placa da sala foi você.

LP: Opa. [risos]

EG: Pois é. E você receberia o que? Não é? Com o que você seria agradecido pela contribuição.

LP: Pois é. Vamos...

EG: Você se lembra? Eu ganhei a placa.

LP: A placa certamente e aqueles movimentos iniciais.

EG: O núcleo dos BRICS e oferecer a você. Nós combinamos isso, mas nós não estamos saindo da boca para o almoço.

GR: [risos].

LP: Pois é. Mas é verdade. [risos]

LP: Eu acho que era importante talvez até num outro momento, tentar levar uma retomada do núcleo, porque eu acho que a gente acabou se dispersando no meio de outros esforços.

EG: No outro momento não, pode ser essa tarde viu.

LP: Então, a partir deste momento. Porque assim, eu acho que a gente tem que retomar. Esse é o esforço que eu gostaria de retomar contigo, com a Antonieta, enfim, com aquela turma que esteve conosco ali naquele momento.

EG: Então, você está agora comprometido com isso. Bom, mas enfim. Na UFF eu dei alguns cursos de graduação, de pós-graduação sobre os BRICS, houve um certo interesse. O BRICS teve uma reunião no Brasil durante a existência do nosso lucro. A UFF colaborou com o festival de cinema dos BRICS, que eu acho que agora não aconteceu por razões óbvias da Rússia, mas na UFF houve. Isso porque lá também tem um polo de cinema importante. Então, por aí. É isso aí. Interesses e políticas públicas. Quer dizer, minha área tem orientado dissertações. Sou muito de muita felicidade dos orientandos com quem eu trabalho. Então...

LP: Existe aí um campo interessante na questão dos BRICS, até porque houve uma certa aproximação do governo Bolsonaro com o governo Putin, de alguma forma recolocando na agenda de política externa do Brasil a questão dos BRICS, talvez saindo um pouco daquilo que o governo Bolsonaro acreditava que era uma agenda mais ideológica e talvez encontrando, principalmente com Putin, alguns pontos de interesse, não sei se eleitorais vinculados ao pleito de 2022. Interesses mais pragmáticos no ponto de vista do comércio, de um certo alinhamento político em organizações internacionais. Acho que tem um campo em volta. Tem um campo de interesses bem interessantes para a gente retomar os estudos de projetos em comum no contexto dos Brics. Mas Eduardo, alguma questão que você queira finalizar? trazer alguma informação, reflexão? Esses cinco minutos finais em geral a gente reserva para isso, para uma fala um pouco mais livre do entrevistado em relação a tudo que a gente conversou na tarde de hoje. Foi, quero crer, muito significativo para todos nós.

EG: Então, só tenho a agradecer. Como você viu, essa conversa, essa entrevista, enfim, me fez lembrar de várias coisas. E fico contente de dar essa contribuição. Acho que é isso, Lier. E mais ainda contente em ver seu interesse. Eu sei que o seu interesse se materializa, como se materializou na placa. Mas que se materialize muito com outras coisas mais, como artigos e outros eventos. E mais contente ainda por essa razão de reencontrar essa parceria.

LP: Legal.

EG: Obrigado. Obrigado, Gracielle.

GR: Obrigada, Eduardo.

LP: Também só tenho a te agradecer, Gracielle.

GR: Oi? Não escutei o que você falou, desculpa.

LP: Gracielle, acho que você ouviu um depoimento bem interessante de uma trajetória.

GR: Sim.

LP: De um profissional de muitos anos de estrada.

GR: Realmente.

LP: Com uma inserção na Fluminense muito sólida. O Eduardo é um profissional respeitado do ponto de vista acadêmico das contribuições que trás da produção que tem não apenas dentro da universidade, mas do extra muros. Ele vem publicando artigos em diferentes jornais. JB aqui citado é apenas um desses veículos onde o Eduardo também vem apresentando os resultados do seu trabalho. Acho que para você ingressar no campo, ingressando no curso num contexto absoluto diverso daquele que o Eduardo viveu há 50 anos atrás. Mas eu acho que é uma fonte de aprendizado e esgotado.

GR: Com certeza.

LP: Então, Eduardo...

GR: Muito obrigada.

LP: Muito obrigado pela parceria, pela presença!